

O intelectual, a opinião e o naufrágio das ideias L'intellectuel, l'avis et le naufrage des idées

Anderson F. Brandão*

RESUMO: Este breve artigo procura discutir a atuação dos intelectuais na contemporaneidade, como também lançar as bases de uma discussão epistemológica sobre a possibilidade de união das metodologias de Michel Foucault a elementos da crítica ideológica marxista com fins de instrumentalizar análises de instâncias discursivas de poder.

Palavras-chave: Poder; ideologia; intelectuais.

Resumé: Ce bref article examine le rôle des intellectuels dans les temps actuels, de même que chercher les bases d'une discussion épistémologique sur la possibilité de l'union des méthodologies de la critique de Michel Foucault a des éléments de la critique idéologique marxiste dans le but d'équiper l'analyse discursive des instances discursives du pouvoir.

Móts-clés: Le pouvoir; l'idéologie; les intellectuelles.

*Infeliz a terra que precisa de heróis.
Brecht. A Vida de Galileu.*

Sorumbático, desfeito da aura de luminosidade que o circundou durante séculos, o intelectual vagueia entre os escombros de suas idéias, de suas influências e influenciados, de suas análises salvadoras e estruturas teóricas possivelmente inabaláveis. Pluripartidos entre virtuais dígitos, ávidos pela *last update* da *cyber-boutique* do império-global, os que lhes rendiam homenagens, cargos públicos ou atozes e infatigáveis perseguições, hoje simplesmente lhes viram as costas.

Paladino da razão, o intelectual fora mestre possuidor da chave dos portais das utopias na Terra – melhor dizendo – nas searas eurocêtricas ou, através dos mares recém-navegados, ocidentalizadas à força, à custa do sufrágio das culturas locais. Sua crise, derivada da aparente falta de lugar na sociedade contemporânea, é paralela à

*Doutor em Literatura Comparada. Professor da Uniabeu, Faetec e coordenador do Núcleo de estudos e pesquisa em poder e ideologia (NEPPI/Uniabeu)

perda do vigor intrínseco às suas idéias. Ao Ocidente náufrago, ele não é mais capaz de produzir a tábua salvadora, talvez a sua maior dádiva, alguma esperança. Num momento em que a razão submerge num oceano de barbáries e os rumos dados ao avanço tecnológico, nas mãos de dois ou três incensados suzeranos, traem repetidamente os ideais iluministas de abundância e paz à humanidade, a voz do intelectual não mais alcança multidões.

Talvez ainda lhe reste a inflexão cortante e sedutora, os silêncios plurissignificativos, os verbos imperativos e ironias contumazes. No entanto, um cenário bíblico parece ter se materializado, uma maldição destinada a castigar a sua tradicional pretensão de tentar levar a humanidade ao Éden através dos infindáveis andares de seu discurso monolítico: a confusão babilônica das vozes dos especialistas, antes restrita às ruas, aos laboratórios, às repartições, aos becos, às seções de curiosidades dos periódicos, aos botequins, às salas de estar, tomou-lhe o microfone. Para o especialista, tudo possui uma solução ou está em vias de alcançar um resultado positivo dentro, na maioria dos casos, de alguns poucos anos de pesquisa laboratorial. Para eles, o futuro já chegou, mas ainda está à espera no mercado de patentes ou escondido no arquivo de algum mega-microcomputador cuja senha foi para o túmulo juntamente com Steve Jobs.

A regra geral é: não pensar; não parar; não refletir. Pensar por quê, se temos esta tão simpática figura do especialista? Ele nos dará todas as respostas e essas devem ser simplificadas, *digestibles*: se possível, devem caber num pendrive de, no máximo, 2 Gb.

Em uma sociedade carente de utopias, escrava do mínimo-tempo-para-o-máximo-resultado, da tonelagem informacional, servil aos cyber-magos especialistas, a voz do intelectual transformou-se em mais uma entre os fugazes lumes virtuais.

II

Em *Microfísica do poder*, Michel Foucault (1984) já apontava para o fato de que o intelectual tradicional – imerso em quaisquer tipos de problemas e soluções – seria uma espécie em extinção.

No capítulo “Verdade e Poder”, ele faz críticas severas aos intelectuais marxistas, cujas respectivas teorias não poderiam mais abarcar domínios específicos como a própria medicina ou mesmo a psiquiatria. Por detrás de sua notória

respeitabilidade e pelo interessante domínio metodológico que estava a ser proposto, não há como não perceber uma tendência bastante clara para solapar da teoria marxista searas importantes, como a da análise ideológica dos discursos de poder.

Não há dúvidas de que a obra de Foucault nos municia de uma série de instrumentos fundamentados no *modus operandi* nietzschiano que é, indubitavelmente, importante quando buscamos traçar considerações sobre as relações entre verdade e poder, discurso e poderio etc. No entanto, não podemos deixar de notar que a mesma fragmentação que permite analisar âmbitos até então excluídos dos meios acadêmicos tradicionais, ou mesmo vistos por seus próprios e respectivos instrumentais teóricos como isentos de camadas discursivas que visam instituir-se em seus conteúdos de verdade, é responsável por uma perda de sentido no que diz respeito à imposição de forças ideológicas construídas no intuito de manter direitos e privilégios das classes dominantes sobre as dominadas.

É possível que – à época em que seus textos foram escritos – fosse necessária uma delimitação dos domínios teóricos, que separariam a análise foucaultiana daquelas que tradicionalmente seriam conhecidas como marxistas. No entanto, a evolução das formas contemporâneas de domínio fundamentado cada vez mais na força esmagadora do Capital tornaram-se fomento para que a crítica da sociedade burguesa seja, cada vez mais, necessária à análise dos cenários coevos.

Portanto, o questionamento que deveria ser realizado é – seria possível instrumentalizar os traços da análise foucaultiana de forma a uni-la aos pressupostos metodológicos da crítica marxista? Haveria realmente uma impossibilidade entre os respectivos métodos que separaria indelevelmente as duas teorias, cujas derivações nos levariam à conclusões díspares, desencontradas, impossíveis de serem mensuradas num trabalho científico minimamente sério?

Talvez seja possível uma união dessas metodologias, se respeitarmos os seus domínios próprios numa análise que busque traçar considerações que abarquem tanto as forças que tendem à fragmentação entre as diversas instâncias discursivas legitimadoras de poder, como também as superestruturas dialógicas, responsáveis pela normalização e eternização de discursos voltados para a força de uma determinada classe sobre todas as outras.

O desafio é enorme, posto que é mister repensar as duas metodologias de forma a buscar pontos de contato possíveis e necessários a análises mais abrangentes no que tange às relações entre discurso e poder.

É nesse sentido que um novo tipo de intelectual se faz necessário na atualidade – realmente consciente de que talvez não seja possível “desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.”(FOUCAULT, 1984, p.14) sem que tome partido nessas relações de poder, denunciando, interferindo, posicionando-se em relação à luta de classes.

Nunca o poder do Capital exerceu seus padrões de normalização de forma tão tranquila como o faz nos dias de hoje. É óbvio que as figuras de intelectualidade contemporâneas não mais se enquadram no que Foucault ironicamente chamou de “o portador de verdades universais”(Ibidem, p.13) mas é necessário perceber que as forças de dominação nunca foram tão “universais” quanto o são na atualidade. Por esse motivo, é mister que haja um posicionamento discursivo que abarque minimamente esses macro-discursos normalizadores que têm funcionado plenamente sem que uma parte significativa da intelectualidade os questione.

Da mesma forma que Foucault anunciou a morte do intelectual tradicional e constatou o nascimento do intelectual especialista, faz-se necessária o aparecimento de uma derivação desses dois modelos – quem sabe fruto de uma dialética necessária às contingências históricas contemporâneas nas quais as verdades habilmente construídas têm suplantado e subvertido o que se pensa sobre fatos consumados de dominação e mesmo de destruição de povos ou classes, cujas ações nascem no âmbito dos domínios discursivos do poder.

III

Em cada seção da mídia, em cada cubículo das redações deparamo-nos com um cândido personagem, filho desses nossos tempos baixo-modernos²: o jornalista multiespecialista. Ele pode ser encontrado em qualquer indústria de notícias e entretenimento, diante de seu computador *ever on-line*, sempre prestes a reafirmar, com sua impressionante habilidade adquirida através de leituras diárias de periódicos virtuais ou reais, de manuais xerocados e enciclopédias, sem perder a

²Concordamos com o termo, como opção à tradução do termo *post-modern*. Pós-modernidade, a priori, poderia significar “depois da modernidade, além da modernidade”, quando bem sabemos que os grandes desafios presentes na mentalidade moderna ainda não foram superados e não deram lugar a um tempo radicalmente “outro”, na atualidade. Esse termo, observamos no texto “Intelectuais e seus Fantasmas”, do Professor Doutor Eduardo Portella. Vejamos (grifo nosso): *Agora, não sei se resignado ou infeliz, mas certamente despojado de suas vestes talaras e de suas luzes imperiais, o intelectual finissecular foi reduzido a um ator social a mais na cena multitudinária da sociedade baixo-moderna.* p.4

objetividade, a concisão e a clareza, a mais recente novidade corrente sobre os fatos. Suas matérias deslizam suavemente sob os ventos ululantes³ e previsíveis da opinião pública. Não há como dizer que seja insensível: ele consegue, como um médium de botequim, traduzir em palavras impressas tudo aquilo que se espera que ele diga.

Seu leque de especialidades não é originário de sua formação. Se dominasse realmente todas as áreas sobre as quais emite as mais apropriadas falas, sua presença no mundo justificaria um verdadeiro re-Renascimento contemporâneo. Seria, mais ou menos, como se esbarrássemos, em qualquer esquina, com um Leonardo Da Vinci. Infelizmente essa figura não representa um retorno ao heróico humanismo antropocêntrico. Ao contrário, é o instrumento da reprodutibilidade da informação, espelho que devora a idéia e institui, em seu lugar, uma palavra muito comum hoje em dia: a opinião.

Com a desculpa de “traduzir” para o grande público, em uma linguagem acessível, os conteúdos originários de diversas especialidades, o que vemos são matérias “chupadas” (esse é um termo comum, nem um pouco impudico, em diversas redações) das mais variadas fontes, tranqüilamente assinadas pelo jornalista multiespecialista, sem a mínima preocupação em escrever uma nota sequer que justifique a origem de tão variados conhecimentos.

Esses cyber-vampiros atuais devem suas experiências profissionais à máxima “nada se cria, tudo se copia”. Esse é o lema que vigora nesse festival de superficialidades reinantes que vemos na mídia. No entanto, não são os indivíduos ou os seus lugares que devemos observar, mas o cenário, o texto e a estrutura que se lhes configuram um papel importante na sociedade.

VI

Não somos meros produtos da história. Entretanto, rememoramos um antigo provérbio árabe “*os homens se parecem mais com seu tempo do que com seus pais*”⁴. Estamos em um momento histórico no qual a opinião substitui a idéia.

³ Não há como esquecer um de nossos mais polêmicos intelectuais, principalmente quando tratamos de jornalismo. A expressão “O óbvio ululante” é uma marca indelével que, entre tantas outras, Nelson Rodrigues deixou em nossa história.

⁴ LE GOFF, Jacques (org). *A história nova* (4^a ed.) São Paulo: Martins Fontes, 1998.p.34

A primeira, longe de representar-se por si mesma, deixa passar, através da falta de densidade de seu discurso, o viés da personalidade daquele que lhe dá voz. Na verdade, não é o conteúdo que se tenta afirmar, mas o indivíduo que a emite. Vemos, perplexos, muitas vezes divertidos, uma batalha semigrotesca de “especialistas” que, ao entrecruzarem-se das espadas, digo, das opiniões, comportam-se como guerreiros em posições que, diante de um olhar mais atento, não se revelariam antagônicas. O ego, nesse jogo bastante interessante, vale mais que o que se tenta defender ou atacar.

Tal fato se dá porque a opinião alcança apenas um olhar, uma faceta, mínima, do problema. Tenta-se, através da análise microcós mica hiper-especializada, resolver questões que demandariam uma abordagem diferenciada.

A idéia, com todas as suas impossibilidades históricas e inadaptabilidades ao real, oferece um paradigma muito mais ameaçador às estruturas sociais estabelecidas. Não é à toa que Platão situa o seu lugar em um mundo distante das aparências.

Em primeiro lugar, no campo das idéias, em substituição ao império do ego, há a conformidade a um conteúdo a ser expresso. Dentre os vários intelectuais marxistas que houve e que há, por exemplo, não observamos, como mais importantes, as suas personalidades, mas a conformação de seus egos a um ideário que lhes justifica os discursos. A própria constituição do ego burguês é alvo de críticas, dos quais muitos tentam, ainda que inocentemente, se afastar.

Por outro lado, na seara das idéias, o que se mostra mais importante não é debater, nem impor uma visão particular de um problema, mas questionar, a priori, os fatores condicionantes de sua existência. Tenta-se estipular, através de uma série de argumentos minimamente fundamentados, qual a raiz do fenômeno. Através dessa busca, tenta-se construir um caminho alternativo, que possa apresentar uma solução viável às várias demandas que se apresentam no decorrer do percurso.

O que se busca, na verdade, é estipular uma alternativa real para uma demanda histórica. Assim foi com a instauração do ideário burguês iluminista, que buscava impor-se às mentalidades das oligarquias tradicionais embasadas na imobilidade de um poder que era transmitido através do sangue e não através da bolsa, ou melhor, das virtudes; como também com o marxismo, que tenta se opor às hostes que dirigem o mundo em nome do *nummus*.

Freud, cujas teorias sobreviveram no decorrer do século XX e, acreditamos, possuem fôlego para adentrar na centúria em que estamos, posicionava-se reticente quanto aos constructos ideológicos salvacionistas⁵. Nenhuma utopia pode se sustentar, mesmo corroborada pela história, pois seu grande inimigo não é a sociedade, mas o homem.

Neste tempo em que a ditadura das obviedades tomou as redes virtuais, os livros, os periódicos e ameaça exilar ao silêncio aqueles que resistem ao seu julgo, os intelectuais, resta-nos pensar em alternativas de sobrevivência.

Em primeiro lugar, sobreviveremos. Os ferros da Inquisição não nos calaram, a ebriedade da razão perfeita num mundo contraditório não nos condenou perpetuamente aos sanatórios, a utopia vencida, de uma sociedade igualitária contra o poder do capital, não nos relegou totalmente ao silêncio. Muitos foram queimados, enlouqueceram e perderam a esperança, mas outros lhes tomaram os lugares. Sempre hão de fazê-lo.

O que geralmente deixamos de observar, talvez mergulhados no pessimismo crônico e, claro, historicamente justificado dos tempos baixo-modernos é que, tal qual os instintos narcísicos impossibilitadores dos laços utópicos, faz parte do homem a busca de ilusões necessárias que dêem sentido à sua vida. É no entrecruzar entre a realidade e a versão historicamente atualizada do Éden que se mantêm as existências. O intelectual deixou de ser o mensageiro das utopias. O grande circo virtual destituiu-lhe de seu lugar privilegiado, mas isso não lhe condena perpetuamente ao exílio. As ilusões midiáticas cada vez mais perdem o seu poder encantatório e as necessidades de mudanças estruturais, ao contrário, cada vez se tornam mais reais.

As demandas históricas permanecem: nunca, em tempo algum, o poder do capital foi tão intenso e sufocante. A razão nunca foi tão necessária numa sociedade sob

⁵ Tais posicionamentos encontramos nesse texto clássico: *Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos libertar do mal. Segundo eles, o homem é unicamente bom, só deseja o bem de seu próximo; mas a instituição da propriedade privada corrompeu sua natureza. A posse de bens confere o poder a um único indivíduo e faz germinar nele a tentação de maltratar o próximo; quem não os possui tem então que se tornar hostil ao opressor e opor-se a ele. Quando se abolir a propriedade privada, quando as riquezas forem tornadas comuns e cada um puder participar dos prazeres que elas proporcionam, a animosidade e a hostilidade que reinam entre os homens desaparecerão. Como todas as necessidades serão satisfeitas, ninguém terá mais razão alguma para ver em outrem um inimigo, todos se curvarão voluntariamente à necessidade do trabalho. A crítica econômica do sistema comunista não me concerne, e não me é possível examinar se a supressão da propriedade privada é oportuna e útil. No que diz respeito a seu postulado psicológico, creio-me, no entanto, autorizado a nele reconhecer uma ilusão sem a menor consistência.*In FREUD, Sigmund. *Futuro de uma ilusão*. (vol.XXI)Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1974. p. 175..

a primazia dos misticismos contemporâneos. O discurso totalitário da neoinquisição global nunca foi tão competente ao tentar silenciar as vozes discordantes.

Por outro lado, tentar encaixar categorias pertencentes ao pretérito nos tempos atuais seria pecar por um anacronismo grosseiro. É preciso repensar as categorias, retomar o ideal (sic. e não, simplesmente, o ideário) humanista para desmistificar as trevas atuais. Não lutamos mais contra a Igreja, mas contra os acólitos da desesperança necessária à manutenção do *status quo*.

É preciso ouvir nossos fantasmas, aprender com seus erros e não nos convenceremos totalmente de seus acertos. Se fugirmos desses espectros tornados decrépitos ao longo das refregas, desbotados de seus viços e esplendores originais, estaremos condenados a ser nossos próprios carrascos e os senhores da concórdia não farão festas para comemorar a nossa derrota. A melhor arma daqueles que lutam contra as utopias, sejam elas impossíveis, realizáveis, risíveis ou virulentas é o esquecimento.

Bibliografia:

BRECHT, Bertold. *A vida de Galileu*. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (Trad. e org. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. *Futuro de uma ilusão*. (vol. XXI) Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1974.

LE GOFF, Jacques (org). *A história nova* (4ª ed.) São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PORTELLA, Eduardo. “O Intelectual e seus Fantasmas” in *Revista Tempo Brasileiro*, 145, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2001.

RODRIGUES, Nelson. *O óbvio ululante*: São Paulo: Companhia das Letras, 1993.